



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

## **ORFANATO JESUS MARIA JOSÉ: PRÁTICAS CARITATIVAS E EDUCAÇÃO FEMININA**

Ivaneide Severo Goiana<sup>123</sup>  
Patrícia Helena Carvalho Holanda<sup>124</sup>

**RESUMO:** O estudo busca explicitar o processo educacional do Orfanato Jesus Maria e José. Um espaço de recolhimento que incidu sobre a educação para meninas órfãs e pobres da região do Cariri. Idealizado pelo Pe. Cícero Romão Batista no ano de 1916 e administrado por mulheres religiosas, que se responsabilizaram pela formação moral e educacional de crianças carentes. Como referencial teórico, utilizamos: Minayo (2000), Della Cava (2014), Madeira (2008), Queiroz (2008), Certeau (1994). A metodologia baseou-se na pesquisa qualitativa, apoiada em estudos bibliográficos, documental e na história oral. Nos estudos realizados percebemos a importância do Orfanato Jesus Maria José para a população Juazeirense e para as meninas desprovidas de uma família e das condições econômicas, em um período onde a educação era oferecida para poucos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Orfanato Jesus Maria José, Educação Feminina, Mulheres religiosas.

### **INTRODUÇÃO**

Este estudo está ligado a Dissertação de Mestrado, pertencente à Linha de Pesquisa História da Educação Comparada e ao Eixo Temático Família, Sexualidade e Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da UFC, com o título, a Memória Histórica do Orfanato Jesus Maria José: 100 Anos de Permanências e Rupturas (1916 a 2016). Porém esse trabalho tem como objetivo explicitar sobre o processo educacional que se estabeleceu através das práticas caritativas, em uma instituição administrada por mulheres religiosas, responsáveis pela permanência histórica de um século.

Como referencial teórico, abordamos alguns autores que contribuíram, para a elaboração do nosso objeto de estudo e para a construção da nossa problemática. Nóvoa (2009), Cavalcante (2008), na intenção de estabelecer uma relação de comparação entre o tempo presente e passado; Algranti (1993), Del Priore (2007), Holanda (2011), retratam sobre a mulher e as casas de recolhimento, no período colonial; Della Cava (2014), Madeira (2008), Queiroz (2008), nos

---

<sup>123</sup>Aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará/UFC. [ivaneidesevero@bol.com.br](mailto:ivaneidesevero@bol.com.br)

<sup>124</sup>Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora Associada do programa de Pós-Graduação em Educação da FAGED/UFC. [profa.patriciaholanda@gmail.com](mailto:profa.patriciaholanda@gmail.com)



### **Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

subsidiaram sobre a história da região do cariri, suas condições históricas, políticas e educacionais e religiosas, entre tantos outros que nos deram suporte para a pesquisa.

A importância desse estudo se dá no resgate histórico de uma instituição educacional destinada as meninas carentes em uma época em que a educação era privilégio dos homens e de uma minoria feminina, onde as condições econômicas e raciais determinavam os condecorados com a educação. E ainda por ser uma instituição administrada por mulheres muitas vezes invisíveis aos olhos dos historiadores.

A metodologia aqui utilizada se baseou na pesquisa qualitativa, apoiada em estudos bibliográficos, documental e na história oral. Utilizou-se da entrevista não estruturada, com agentes participantes do projeto: (1) ex-aluna interna da instituição; (2) religiosas que fizeram parte do projeto; (3) ex-professoras; (4) religiosas que administram a instituição atualmente.

#### **Contextualização histórica e social da idealização do Orfanato Jesus Maria José**

O processo de construção do Orfanato encontra-se localizado em um período de disputas políticas, crescimento econômico “conflitos e disputas no campo do religioso, do místico e do simbólico” (NOBRE, 2011, p.35). A então Cidade de Juazeiro do Norte pode ser caracterizada, como um espaço definido pelas ações e os movimentos de “efeito produzido pelas operações que o orienta, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflitais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 1994, p.201). As ações e os movimentos que se estabeleceram nesse período encontram-se expressos em relatos, lembranças e documentos que carregam a complexidade de uma construção histórica, sociocultural.

Idealizado pelo Padre Cícero Romão Batista, no ano de 1916, o Orfanato Jesus Maria José, foi criado com o propósito de Recolhimento para meninas órfãs e “desvalidas”, vitimadas pelas constantes secas que assolaram o Ceará, e dizimou parte da população do Cariri Cearense, elevando o nível de pobreza, e o número de pessoas a mercê da mendicância.

Um longo período iniciado no ano de 1877 sendo quatro décadas seguidas de secas, o que ocasionou perdas para a economia do Ceará, dado o número de emigrantes, para outros estados e o grande número de mortes, transformando a região em um cenário calamitoso.

Em um único ano, a seca de 1879, a fome ceifou 57 mil vidas entre os flagelados, que haviam fugido do interior para os abrigos provisórios de Fortaleza; outros 55 mil foram vítimas de um programa de emigração financiada pelo governo e obrigados a embarcar para outros estados quando a seca terminou, em meados de 1880, cerca de 300 mil pessoas, mais de um terço da população do Ceará, tinham emigrado ou morrido de fome e doenças. (DELLA CAVA, 2014, p.158).

As secas de 1888, 1898, 1900 e 1915, assim como coloca Della cava, (2014, p. 163), “tiveram consequências desastrosas para a economia do Ceará”, ocasionando um fenômeno



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

emigratório entre os sertanejos, que buscavam formas de sobrevivência em outros Estados, o que diminuiu a mão de obra do Ceará que fomentavam a economia local. “Sem mão de obra abundante e barata, a agricultura tradicional do Nordeste árido – algodão e gado – era incapaz de recuperar-se nos anos em que não havia seca, sendo assim de fato ameaçada de extinção”.

Porém nas secas dos anos 1888, 1898, 1900 e 1915 o processo emigratório teve um efeito contrário no povoado de Joaseiro e o vale circunvizinho, em vez de perder força de trabalho, a região com suas terras “férteis e fontes perenes” acabaram por atrair “Capital humano” ao em vez de perdê-los. A notícia sobre o “Milagre” de Joaseiro sobre um “santo” protetor dos pobres atraiu, uma leva de romeiros, em busca do vale e da proteção divina. “Verdade é, também, que a partir de meados do século XIX suas terras despovoadas tinham a tradição de abrigar os flagelados do sertão à sua volta”. (DELLA CAVA, 20014, p.164). Tal fenômeno segundo Della Cava se deu, tanto pelas terras férteis do Vale quanto pela popularidade que o Padre Cícero, havia conquistado por intermédio do “Milagre”.

O Padre Cícero havia se tornado, o protetor dos pobres e desvalido e Joaseiro a “nova terra santa”, batizada pelos romeiros que convergiam de todos os lugares do sertão. “em 1898, a população da cidade mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; em 1909, chegou a 15 mil” (Della Cava, 2014, p. 156). Um crescimento que superou a população das outras Cidades da região, que só foi possível com as peregrinações, de romeiras que se instalaram em Joaseiro e se colocaram sobre a proteção do “santo padre”.

Segundo Della Cava os motivos que levavam os romeiros até o Joaseiro estava relacionados, “apenas a motivação religiosa”, sem nenhuma pretensão política, eram em sua maioria analfabetos e “inertes politicamente”, buscavam na ação divina respostas para a sua condição social de extrema pobreza.

Os enfermos buscavam a cura para suas doenças, os criminosos a curar-se da sua natureza. “Joaseiro era de fato, uma “cidade santa” presidida por um santo Patriarca que era o padrinho dos doentes dos desabrigados, dos que tinham fome, dos criminosos e dos pecadores” (DELLA CAVA, 2014, p. 161).

Um fato relatado por Della Cava, nos leva a visualização da idealização do Orfanato Jesus Maria José, quando relata em seus estudos sobre os pedidos feitos ao “santo”, de Joaseiro, pelos devotos, muitos através de cartas e bilhetes. Além da cura, para os criminosos e enfermos, a suplica dos romeiros, ligava-se também a “ruptura da vida familiar”. Principalmente mulheres de todos os Estados buscavam conselhos sobre o que fazer depois da família se encontrar desfeita, fosse por



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

causa da fome por morte de crime, ou por abandono do Marido. Essas mulheres em sua maioria ficavam com a responsabilidade de prover a família, com vários filhos. Muitas dessas famílias migraram para Juazeiro, por acreditarem na proteção do “Santo” Padre, “meu padimciço”, como assim chamavam, tamanha era a devoção que entregavam-lhes as suas vidas, seus filhos suas famílias.

O Orfanato Jesus Maria José, surgiu nesse contexto, de rupturas familiares, de mortes, abandono de crianças, da seca da fome. A pobreza, o desespero, e o descaso do poder público leva o homem do sertão, a buscar na figura do Padre Cícero, a compaixão, de um homem enviado por “Deus”, com a missão de redentor da sociedade.

**Educação feminina no Orfanato Jesus Maria José na Cidade de Juazeiro do Norte**

A princípio o Orfanato Jesus Maria José surgiu como um espaço para abrigar as meninas, pobres órfãs e desvalidas da região. No entanto esse espaço que era apenas como recolhimento, passou a ser uma opção de educação e formação para as meninas carentes. Recebiam uma educação, baseada nos princípios morais da época pregados pela Igreja Católica e claro com os devidos recortes que diferenciava a educação destinada as meninas a direcionada aos meninos. O que na verdade segundo Madeira, era uma educação voltada para o controle sobre o comportamento feminino que “era visto como objeto de maior atenção e vigília, porque nela estaria a possibilidade de uma sociedade se modelar tanto em direção a moralidade pública e cristã, como para o contrário. (MADEIRA, 2008, p. 107). O que alude à existência de um modelo ou modo de tratar o significado da mulher na construção política e religiosa na sociedade.

No período da idealização do Orfanato, discutia-se a nível nacional, a importância sobre o papel da educação para a modernização do país. “As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus”. (LOURO, 2007, p. 444). Segundo Louro, o Brasil caminhava para o século XX e a maior parte da população continuava analfabeta “nas cidades, nos povoados, sem falar na imensidão rural”, mesmo depois de instituídos alguns decretos pelos legisladores, ainda em 1827, sobre as escolas de primeiras letras a serem implantadas nos lugares mais populosos do império.

De fato, não se pode dizer que não existia um modelo educacional instituído, porém eram poucas o número de escolas e em sua maioria eram destinadas aos meninos, e algumas para as meninas, essas escolas estavam sobre os domínios da Igreja Católica, “fundadas por congregações e ordens religiosas, femininas ou masculinas” e algumas eram:

Mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as meninas. Deveriam ser eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas ambientes descentes e



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler, escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura. (LOURO 2007, p. 443)

Mesmo com a determinação de escolas de primeiras letras ainda no império, a educação continuava sendo privilégios para poucos. “Proclamada á independência parecia haver, ao menos como discurso oficial, a necessidade de construir uma imagem do país que afastasse seu caráter marcadamente colonial, atrasado, inculto e primitivo” (LOURO, 2007, p. 443). No entanto a educação feminina ainda se pautava na educação voltada para o lar, sem perder de vista os princípios da religião católica e da moral cristã.

Os conventos eram também uma forma de manter as meninas sobre vigilância e cuidavam também das suas formações tanto para o casamento quanto para a vida religiosa das moças da elite. As escolas católicas também tinha um viés elitista, onde somente quem podia pagar poderiam ter acesso à institucionalização educacional. “Evidentemente as divisões de classe, etnia e raça tinham um papel importante na determinação das formas de educação utilizadas para transformar as crianças em mulheres e homens” (LOURO, 2007, P. 444).

Assim como a criação dos conventos e das escolas para as meninas da elite, algumas ordens religiosas femininas dedicaram-se também a educação das meninas órfãs, “com a preocupação de preservá-las da “contaminação dos vícios”; outras religiosas voltaram-se “ao cuidado das moças sem emprego e daquelas que se desviaram do bom caminho”“. (LOURO, 2007, P. 445). Essas moças aprendiam, a ler e a escrever, aritmética, recebiam uma educação religiosa, e aprendiam noções básicas para o lar, eram preparadas para o casamento.

O orfanato Jesus Maria José, muito tinha das instituições educacionais que se discutia para as meninas, além do viés religioso, pretendia dá assistência, abrigo formação religiosa e educação para as filhas das famílias que foram deixadas de fora no início do processo de institucionalização educacional. Foi criado com o propósito de “Recolhimento para meninas órfãs e “desvalidas”, vitimadas pelas constantes secas que assolaram o Ceará, e dizimou parte da população do Cariri Cearense, elevando o nível de pobreza, e o número de pessoas à mercê da mendicância”. (DELLA CAVA, 2014, p. 158).

Sua constituição deu em um período onde as ações caritativas desenvolvidas por padres eram constante nas regiões mais pobres do Nordeste brasileiro. No período das terríveis secas, buscavam amenizar a dor e a fome que hora assolavam as famílias nordestinas onde uma grande parte da população foi dizimada. Diante da situação da seca, da fome e das epidemias, que veio a



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

ocasionar uma verdadeira situação de miséria, consequência dos percursos da natureza, mais negligenciada pelo governo.

Em decorrência da miséria causada pela seca, a população se via obrigada a abandonar seus filhos para que esses sobrevivessem, deixando-os sobre a tutela de famílias que se prontificavam a ficar com as crianças em troca do trabalho doméstico. O padre Cícero diante das consequências ocasionadas pelas secas, e do abandono de crianças, desenvolve na Cidade de Juazeiro do Norte práticas caritativas de combate àssecas. Entre elas destacamos o recolhimento de crianças das ruas e dando-lhes uma chance de sobrevivência, garantindo-lhes moradia e alimentação uma espécie de apadrinhamento, uma prática muito comum no sertão nordestino.

O Padre Cícero Romão Baptista, como líder religioso e influente na cidade de Juazeiro do Norte, recebia dos seus fiéis, crianças pobres, que haviam perdido os seus pais, e encontravam-se desprovidas da proteção familiar. Essas crianças eram trazidas de todo o Nordeste e entregues a pessoa do Padre Cícero, para que ele cuidasse e zelasse pela vida e integridade das crianças desamparadas. O Padre passava a ser tutor dessas crianças, fazia delas seus afilhados, cuidava e muitas vezes arranjava-lhes casamento, para deixá-las amparadas, por uma figura masculina. Fato que era comum na época, dada a concepção de família patriarcal, e a representação da figura feminina na sociedade da época.

Pensando na educação e profissionalização dessas crianças, o Patriarca, idealiza e constrói em 8 de setembro de 1916, o Orfanato Jesus Maria José, na cidade de Juazeiro do Norte, de início acolhia crianças de ambos os sexos havendo a separação quando o Pe. Cícero resolve colocar as crianças em uma sede, um espaço para os meninos e outro para as meninas. A primeira sede do Orfanato para meninas se deu na Rua São José, nº 79, em uma casa de propriedade do padre, mantendo-se nesse local até o ano de 1933.

Segundo Della Cava (2014), o Orfanato se constituiu como um dos primeiros orfanatos do interior. Uma casa de recolhimento com práticas caritativas, que se propunha a receber jovens do sexo feminino, órfãs e filhas de mães “decaídas”, onde lhes era ofertada educação moral religiosa, cultural e um ofício através das oficinas artesanais. Os princípios do Orfanato estavam regidos pelo trabalho, educação e religião. As meninas poderiam permanecer no estabelecimento até completar a maior idade de 18 anos ou até contrair um casamento.

A princípio o Orfanato Jesus Maria José, foi deixado pelo Pe. Cícero sob a direção das mulheres religiosas que o acompanhava nas suas ações de caridade, a Beata Joana Tertuliano de Jesus, conhecida por (Beata Mocinha), pela Beata Raimunda da Cruz Neves e Maria Franca de



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Meneses, primeiras diretoras administrativas e econômicas responsáveis pela a educação das meninas, iniciado no ano de 1916. A inauguração oficial se deu no ano de 1925, com uma solenidade pública, acompanhada pelo discurso de Fausto da Costa Guimarães e das beatas diretoras, que já vinham atendendo as meninas desde a sua idealização em 1916. No ano de 1925 o Orfanato já estava com 26 órfãs entre 5 e 11 anos de idade *“que recebiam educação escolar, práticas domésticas e orientação religiosa”* (Entrevista concedida por Geraldo Menezes Barbosa, 1995).

Essas crianças eram recolhidas sob a custódia e os cuidados das Beatas e de professoras, que contribuía para a educação das meninas, para que elas pudessem ter no futuro uma vida, um trabalho e uma instrução. A educação no Orfanato se dava sobre os princípios da instrução Cristã, onde o trabalho e a educação moral era de certo a preocupação que o padre Cícero tinha para com as meninas.

No ano de 1930, o Padre Cícero que já se encontrava com a sua saúde abalada, privado da vista por uma catarata em ambos os olhos, necessitando se afastar para cuidados médicos. Temendo deixar as jovens sem uma Ordem que pudesse administrar, escreve uma carta as Freiras Franciscanas pedindo a sua colaboração na continuidade do seu trabalho, dada também as limitações das beatas que administravam, por se encontrarem já com idade avançada.

Não obtendo uma resposta positiva, das irmãs Franciscanas, o Padre Cícero após o período de (3) anos de espera, escreve à madre Geral da Ordem Terceira de S. Francisco, revogando a doação do Orfanato Jesus Maria José, por ele feita. O padre Cícero, escreve para o então bispo do Crato, Dom Francisco de Assis Pires no ano de 1933 solicitando apoio das irmãs Filhas de Santa Teresa de Jesus, que se encontravam no Cariri desde 1923 com sede na Cidade do Crato.

No ano de 1934, o padre Cícero transfere o Orfanato para um prédio de sua propriedade que serviu como casa de campo para o Dr. Floro Bartolomeu da Costa seu grande amigo. Sendo esta localizada na Rua Cel. Antônio Pereira, nº 64, na Avenida padre Cícero, (nas proximidades da linha férrea) onde permanece até os dias atuais, sobre a direção das Filhas de santa Teresa de Jesus.

#### **As filhas de Santa Teresa na coordenação do Orfanato**

Somente em 1935 um ano após a morte do Padre Cícero, as Filhas de Santa Teresa de Jesus assumem então o Orfanato, o transformando em educandário, como almejava o Patriarca, *“funcionando como internato para meninas órfãs até o ano de 1994”*. (OLIVEIRA, 2001, p.287).

Ao receberem a instituição as religiosas, continuaram com o processo educacional das internas, mantendo os princípios para o qual o Orfanato foi criado, permaneceram com o amparadas crianças do sexo feminino, pobres, órfãos e filhas de mulheres *“decaídas”*, quando pela idade ou



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

outras circunstâncias tiverem que deixar a tutela da entidade de sua formação, dando-lhes uma educação adequada capaz de lhes garantir viver honestamente na sociedade, preparando-as para o lar e dotando-as de um ofício, caso não viessem a casar.

Para garantir a manutenção da instituição e a educação das meninas, as religiosas constituíram parceria com o governo Municipal, que passou a contribuir com o quadro de professores, para a Escola de 1º Grau, Jesus Maria José, pertencente ao Orfanato. A escola era mantida, através de ajuda de particulares, doações deromeiros e subsídiosdo Governo Municipale Estadual.

Mantemos o Orfanato a custas de esmolas, de ajuda que a população nos dá, porque tudo o que recebemos das entidades é muito pouco. Toda a parte de vestimentas, brinquedos para as crianças, nós recebemos das pessoas que visitam o Orfanato e se sensibilizam com as necessidades existentes. Além disso, fazemos campanhas, com a participação das crianças, os próprios meios de comunicação nos ajudam através de promoções em benefício do Orfanato. Enfim, lutamos com a ajuda de muitos, para que essas crianças tenham uma vida tranquila e feliz. (Irmã Célia em entrevista para um jornal local, s/d, s/n)

Alguns professores que atuavam na Escola estavam vinculados em parte ao governo Municipal na administração do prefeito Humberto Bezerra na época, sendo o quadro complementado pelas religiosas Filhas de Santa Teresa de Jesus. Quanto ao período exato do convênio com a prefeitura, não encontramos evidências que pudéssemos estabelecer uma data precisa, o que sabemos é que o mandato do prefeito que estava em exercício, se deu no ano de 1963, daí podemos afirmar que a escola se deu nesse período.

Tivemos contato com uma das professoras que lecionou na instituição a Sra. Maria Pereira de Sousa, a professora iniciou na escola no ano de 1963, onde a mesma lecionava a 2ª série. Segundo Maria Pereira de Sousa, elas eram professoras polivalente e ensinavam nesse período somente as meninas internas, pelo turno da manhã, a tarde as meninas ficavam sobre os cuidados das irmãs, aprendendo um ofício e tomando conta dos afazeres domésticos.

Nesse período a professora nos relata que o Orfanato tinha em torno 30 meninas todas internas, que segundo ela, “eram as meninas que não tinham famílias *“às vezes tinham só pai e não tinham mãe, ai o pai casava com outra mulher e ela não queria criar a filha da outra então o pai vinha e deixava no orfanato, essas meninas eram de todos os lugares da região”* (Entrevista com a professora, Maria Pereira de Sousa, 04, 03, 2016).

Em 1994a instituição não pode mais contar com o apoio do governo Municipal, e Estadual, as religiosas tiveram que fechar a escola regular e se readaptarem as mudanças ocorridas. Cabe aqui ressaltar que a manutenção da instituição era de responsabilidade das Filhas de Santa Teresa de



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Jesus, responsáveis por buscarem recursos para sua permanência, porém com o corte do governo, as condições econômicas ficaram difíceis para as religiosas.

Tal situação nos faz voltar para o período colonial, dada a grande semelhança as instituições de recolhimento desse período, que eram criadas por entidades religiosas, sobre a condição dos organizadores buscarem o sustento, para a manutenção. O Orfanato Jesus Maria José também foi criado dentro destas condições, assemelhando-se ao modelo europeu, criado pelo Padre Cícero e mantido por doações e ajudas de particulares. No entanto a ligação com a Igreja deveria ser mantida, inclusive com missas na instituição, com ajuda dos padres que atuavam como capelão e ajudava na formação espiritual das meninas. As religiosas eram as responsáveis diretas pelo sustento das internas e manutenção da instituição.

Para garantir à manutenção da instituição às religiosas, buscavam convênios e contribuições de empresas e particulares para manterem as meninas em regime de internato. Porém com o corte dos subsídios do governo, o que ultrapassava as condições econômicas e financeiras das irmãs, e ainda tendo que adequar-se as novas exigências do Estatuto da Criança e do adolescente, sobre as normas de adoção de menores, as irmãs tiveram que abrir mão do regime de internato, o que se consolidou no ano de 1994.

Porém antes de consolidar o fim do internato, as irmãs buscaram resolver a situação das meninas que ainda encontravam-se na instituição. No ano de 1993 ainda moravam no orfanato em torno de 30 meninas internas, algumas menores de idade e outras terminando os estudos. As irmãs tiveram que tomar uma decisão junto ao Juizado de menores sobre o destino destas meninas. ***“As que tinham família foram entregues as seus familiares, algumas ainda menores de idade, outras a irmã Célia encaminhou para São Paulo para a casa das irmãs para que pudessem terminar os estudos” (Entrevista com Terezinha, 16/03/2016).***

No ano de 1994, a Congregação designou para a missão dos cuidados com o orfanato a irmã Fátima dos Anjos e a irmã Zenilda, com o propósito de começar um novo trabalho com as crianças e a comunidade, carente. Em 1995 a irmã Terezinha, veio morar no Orfanato para cursar a Faculdade de História na Região, e contribuir com a manutenção do Orfanato. A Irmã Fátima dos Anjos permaneceu no orfanato até o ano de 2002, e retornando depois no ano de 2010 permanecendo até 2011, quando a ela foi designado nova “missão”, pela sua Congregação.

Mesmo com o fechamento da Escola, a falta de financiamento, as irmãs resolvem manter a instituição, continuando com o processo educativo, como regime de externato, passando a ser uma entidade civil de fins filantrópicos, de caráter beneficente, educativo, cultural e de assistência social



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

com a finalidade assistencialista às crianças pobres e abandonadas, com o propósito de garantir um futuro sólido e digno para a sociedade, segundo Oliveira,

[...] ainda hoje, conforme dissemos, está em pleno funcionamento esta obra de Assistência Social, iniciada pelo Pe. Cícero, e continua até nossos dias, algum tempo sob a orientação dos salesianos e atualmente sob a responsabilidade exclusiva das irmãs que a dirigem. (OLIVEIRA, 2001, apud FIGUÊREDO, 2011, p.27)

No ano de 1998 a prefeitura Municipal de Juazeiro, no mandato do prefeito Mauro Castelo Branco Sampaio, reconhece como utilidade pública o Orfanato Jesus Maria e José, através da Lei 2.324, de 09 de Novembro de 1998.

Hoje a Instituição atende em torno de 40 crianças no contra turno escolar, as religiosas, buscam através da caridade, conscientizar a população sobre a importância da instituição para a educação moral, religiosa e social dessas crianças.

### **Algumas Considerações**

A pesquisa em questão nos levou a perceber a importância da instituição para o povo Juazeirense. Cumpriu uma função social para a sociedade no tocante ao recolhimento, incidiu sobre a educação feminina e contribuiu para a formação o trabalhadas crianças carentes, tendo as mulheres religiosas como agentes participativos nesse processo.

O Orfanato Jesus Maria José, continua sendo uma alternativa para as crianças das comunidades carentes, da Cidade de Juazeiro do Norte, um espaço reconhecido pela comunidade como uma opção para os pais, que não podem dá assistência educacional, para seus filhos no contra turno escolar. Percebemos que a Instituição, tornou-se um exemplo de caridade, onde as mulheres que coordenam esse projeto são vistas pela população como as irmãs caridosas, que oferecem uma opção para as crianças pobres.

Pode-se registrar que o orfanato Jesus Maria José, assim como seus idealizadores procuraram acompanhar as transformações sociais, adaptando-se as novas exigências ocasionadas pelo desenvolvimento, sócio, político econômico e cultural, garantindo assim o necessário para uma permanência histórica de cem anos da instituição. Mesmo entre tantas rupturas, as permanências resistem, até os dias atuais, sendo as praticas caritativas, uma das maiores resistências, que prevalece depois de cem (100) anos da memória histórica do Orfanato Jesus Maria José.

Percebeu-se ainda a importância dessa instituição como patrimônio histórico, para a História da Educação, devendo ser preservado, por sua relevância histórica, política e cultural para o povo Juazeirense e para a Cidade de Juazeiro do Norte. Sua idealização se deu em um período de desigualdades sociais onde, a miséria, mais uma vez assim como na história da sociedade se abateu sobre um povo, que buscou na divindade uma solução para amenizar a fome. O Orfanato Jesus



**Anais do XV Congresso de História da Educação do Ceará. 2016, ISSN 2237-2229**

Maria José em épocas de seca tornou-se a esperança de um povo sofrido nele depositaram a esperança de um mundo melhor para as suas meninas.

## **REFERENCIAS**

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: **lembranças de velhos**. 9ª edição. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CAVALCANTE, Juraci Maia et al. (Org.). **História da educação comparada**: Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: As artes de fazer. 3ª edição. Petrópolis, Vozes, 1998.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/Unesp, 2002.

DELLA CAVA, Ralth. **Milagre em Joazeiro**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 2003.

MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **A pedagogia feminina das Casas de Caridade de Padre Ibiapina**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que conheci**: verdadeira história de Juazeiro. Fortaleza: editora Premium, 2001.

QUEIROZ, Zuleide Fernandes. **Em cada sala um altar, em cada quintal uma oficina**: o tradicional e o novo na história da educação tecnológica no cariri cearense. Fortaleza, UFC, 2008.